

## Mademoiselle Fifi

O major, comandante prussiano, conde de Farlsberg, acabava de ler o correio, reclinado numa grande poltrona de tapeçaria e com os pés sobre o mármore elegante do fogão, onde as suas esporas, durante os três meses que ocupava o castelo de Uville, tinham traçado dois sulcos profundos, em cada dia um pouco mais cavados.

Uma chávena de café fumegava sobre um velador de marchetaria maculado pelos licores, queimado pelos charutos, entalhado pela navalha do oficial conquistador que, por vezes, parando de afiar um lápis, traçava sobre o gracioso móvel números ou desenhos, ao sabor da fantasia do seu sonho indolente.

Acabadas as cartas e percorridos os jornais alemães que o vago-mestre acabara de trazer-lhe, levantou-se e, depois de ter deitado para o lume três ou quatro enormes achas de lenha verde (pouco a pouco o parque ia sendo deitado abaixo para os senhores se aquecerem), aproximou-se da janela.

A chuva caía em catadupas, uma chuva normanda que dir-se-ia lançada por mão furiosa, uma chuva de través, espessa como um reposteiro, formando uma espécie de muro de riscas oblíquas, uma chuva chicoteante, que salpicava e afogava tudo, uma verdadeira chuva dos arredores de Ruão, onde parece cair toda a chuva da França.

O oficial olhou demoradamente os tabuleiros de relva inundados e, lá em baixo, o Andelle, cheio, a transbordar; tamborilava na vidraça uma valsa do Reno, quando um ruído o fez voltar-se: era o segundo comandante, o barão de Kelweingstein, de patente equivalente à de capitão.

O major era um gigante, largo de ombros, enfeitado por uma longa barba em leque que lhe formava toalha sobre o peito; toda a sua enor-

me pessoa dava a ideia de um pavão militar, um pavão que trouxesse agarrada ao queixo a cauda toda aberta. Tinha olhos azuis, frios e mansos, uma das faces fendida por uma sabrada na guerra da Áustria; consideravam-no tão bom homem como valente oficial.

O capitão, baixo, vermelhusco e barrigudo, apertadamente cingido no uniforme, usava quase rente a barba ruiva, cujos pêlos de fogo faziam pensar, quando se achavam sob certos reflexos, que a cara lhe fora esfregada com fósforo. Dois dentes partidos numa noite de estúrdia, sem que ele se lembrasse bem como tal se dera, faziam-no cuspir palavras espessas que nem sempre se entendiam; era calvo apenas no alto da cabeça, tonsurado como um monge, com um tufo de cabelinhos frisados, dourados e luzidios, em redor daquele arco de carne nua.

O comandante apertou-lhe a mão e engoliu de um trago a sua chávena de café (a sexta desde manhã), enquanto ouvia o relatório do seu subordinado sobre os incidentes do serviço; depois aproximaram-se ambos da janela, declarando que a vida era pouco agradável. O major, homem tranquilo, casado na terra, acomodava-se a tudo; mas o barão, capitão, pândego obstinado, frequentador de espeluncas, furioso perseguidor de saias, raivava de estar encerrado havia três meses na castidade obrigatória daquele posto perdido.

Ouvindo bater à porta, o comandante gritou que entrassem, e um militar, um dos seus soldados autómatos, apareceu no limiar, anunciando, pela simples presença, que o almoço estava pronto.

Na sala foram encontrar os três oficiais de menor graduação: um tenente, Otto de Grossling; dois alferes, Fritz Scheunaubourg e o marquês Wilhem d'Eyrik, um loirinho orgulhoso e brutal com os soldados, duro para os vencidos, e violento como uma arma de fogo.

Desde a sua entrada em França, os seus camaradas só o tratavam por Mademoiselle Fifi. A alcunha vinha-lhe do seu ar coquete, da cintura fina que se diria apertada num espartilho, do rosto pálido onde o bigode mal despontava ainda, e também do hábito que ganhara, para exprimir o seu soberano desprezo pelos seres e pelas coisas, de empregar a todo o instante a locução francesa *fi, fi, donc*, que pronunciava com um leve silvo.

A casa de jantar do castelo de Uville era uma longa e real sala cujos espelhos de cristal antigo, estrelados de balas, e as altas tapeçarias da Flandres, escortaçadas a golpes de sabre e pendentés aqui e além, falavam das ocupações de Mademoiselle Fifi nas suas horas de lazer.

Nas paredes, três retratos de família, um guerreiro vestido de ferro, um cardeal e um presidente, fumavam longos cachimbos de porcelana, enquanto na sua moldura, a que os anos tinham feito perder o ouro, uma nobre dama de seio apertado exibia, com ar arrogante, um enorme bigode feito a carvão.

E o almoço dos oficiais decorreu quase em silêncio naquela sala mutilada, ensombrada pela embriaguez, tristonha pelo seu aspecto vencido, e cujo velho sobrado de carvalho se tornara sórdido como chão de taberna.

Na altura do tabaco, quando começaram a beber, depois de terminada a refeição, começaram, como todos os dias, a falar do seu aborrecimento. As garrafas de conhaque e de licor passavam de mão em mão, e todos, recostados nas cadeiras, absorviam as bebidas em pequenos goles repetidos, conservando ao canto da boca o longo tubo curvo que terminava no forninho de faiança, pintalgado como para seduzir hotentotes.

Mal o copo ficava vazio, tornavam a enchê-lo com um gesto de lassidão resignada. Mademoiselle Fifi partia a todo o momento o seu, e um soldado apresentava-lhe imediatamente outro.

Um nevoeiro de fumo acre afogava-os, e eles pareciam afundar-se numa embriaguez dormente e triste, na bebedeira taciturna das pessoas que não têm nada que fazer.

Mas o barão, de súbito, endireitou-se. Uma revolta o sacudia; e praguejou:

— Com mil raios! Isto não pode continuar, temos de acabar por inventar qualquer coisa.

Ao mesmo tempo, o tenente Otto e o alferes Fritz, dois alemães eminentemente dotados de fisionomias alemãs, pesadas e graves, responderam:

— O quê, meu capitão?

Ele reflectiu alguns segundos; depois acrescentou:

— O quê, meu capitão? Temos de organizar uma festa, se o nosso comandante der licença.

O major deixou o cachimbo:

— Que festa, capitão?

O barão aproximou-se:

— Eu encarrego-me de tudo, meu comandante. Mandarei a Ruão o *Dever*, que nos trará mulheres. Sei onde as arranjar. Prepara-se aqui uma ceia. Nada nos falta, e pelo menos passaremos um bom serão.

O conde de Farlsberg encolheu os ombros, sorrindo: